





CANTAR É O VERBO PARA ALAÍDE E DULCE

Fotos: Alberto Jacob e Evandro Teixeira

Dulce é Bressane Nunes e para ela tudo começou com a pintura talvez por influência da mãe, Eurídice, que desenha e é famosa. Depois é que veio o casamento com Bené e ela abandonou o mundo das tintas e das telas por outro repleto de sons e canções. O marido, pianista e compositor, a casa sempre lotada de amigos até que um dia um pede que cante alguma coisinha e outro mais tarde pergunta por que não pensa em gravar.

Foi assim com ela. Ela que acredita muito no velho ditado que quem canta seus males espanta. E como quem compõe espanta mais ainda Dulce Nunes passou também a fazer suas próprias músicas. E é quem diz em seu *Canto Livre*:

*Se não tem sentido o mex cantar
Qual o sentido de não cantar?...*

A respeito de sua vida como pianista, Dulce tem sempre um fato muito engraçado a comentar. Havia pensado em tocar piano para ajudar a disciplinar o trabalho do Bené. Um dia, este havia sofrido um acidente e ela de tanto ouvir o disco de uma melodia descobriu que havia conseguido acompanhá-la no piano. Bené ficou entusiasmado e a partir de então passou a incentivá-la. Mas mesmo assim piano para Dulce quer dizer apenas um acompanhamento para suas canções. E também uma atrapalhão doméstica pois numa casa de dois músicos e um só piano...

Uma voz meiga como a sua figura é o que mostra todas as noites neste primeiro contato que tem com o público. Bené luta sempre com o que ainda chama sua timidez e acha que o que falta é uma dose maior de coragem. Muito mais agora quando todo o pânico inicial foi superado e o que se ouve é uma voz segura em seu canto. Canto que é música dela e dele e com uma letra bonita e só dela que continua dizendo assim:

*Enquanto espero eu canto
Se desespero eu canto
Enquanto eu vou eu canto
Na eterna volta eu canto.*

Alaíde começou do princípio com apenas sete ou oito anos e na base do programinha infantil. Passou depois pela dura escola que são os programas de calouros. Fase dura, difficilima porque já na época havia descoberto outras bossas e perdia muitas vezes o prêmio para cantar coisas novas e avançadas.

Agora Alaíde brilha com sua voz estranha e sua presença marcante num *Recital de Samba* junto com Baden, Castro Neves e todo o quartel-general da bossa nova. O sucesso de Alaíde criou raízes em São Paulo por razões simples. Havia casado com um rapaz de lá. Não da música mas também de rádio, isto é, locutor da Eldorado paulista.

A vida dela no momento se resume nas músicas que canta cada noite e nos múltiplos cuidados que tem que cercar durante o dia o pequeno Paulo, seu filho de um ano e quatro meses que acompanha a mamãe em sua temporada pela Guanabara. Para depois deste recital há um compromisso dos mais sérios. Terá, sózinha, a responsabilidade de cantar no Municipal de São Paulo e no daqui apenas canções medievais. Antes da estréia de *Alaíde e Alaíde* portanto muito trabalho à vista.

Entre um contrato e outro, o Santa Rosa e Municipal, deve ser submetida a uma delicada operação pois há algum tempo já tem enormes problemas com a audição. E o que muitos não sabem, é que várias vezes já permaneceu no palco cantando por simples intuição. Enquanto isto vai cantando e abafando todas as noites e compoendo ela própria muita coisa bonita em parceria com Vandrê e Vinicius. Coisas que não sabe porque prefere deixar que os outros cantem.